

Texto 1 (Diógenes Laércio VI 61, 6-8)

Quando [Diógenes] estava a almoçar na praça, os transeuntes juntaram-se à volta dele, gritando-lhe: “Cão!” Ao que ele respondeu: “Vocês é que são cães, pois que me rodeiam enquanto almoço.”

(Cf. *Gnomologium Vaticanum* 175.)

Texto 2 (Diógenes Laércio VI 103.9-104.1)

Dizia Antístenes que as pessoas sensatas não deviam aprender a ler, de modo a não serem pervertidas pelos outros.

Texto 3 (Diógenes Laércio VI 38.10-39.2)

Alguém lia em voz alta há muito tempo e, aproximando-se do fim do livro, apontava [com o dedo] o que ainda faltava ler. “Coragem, rapazes,” disse [Diógenes], “terra à vista!” Àquele que demonstrara que ele tinha cornos, tocou na testa, dizendo: “Pois eu não os vejo.” Do mesmo modo, em relação a outro que afirmava que o movimento não existe, levantou-se e andou.

(A última história é, com mais detalhes, atribuída a Antístenes por Elias, *In Cat.* 109.18-22 Busse; Sexto Empírico também a refere, sem indicar o nome do filósofo cínico em causa, em *Pyrrhoniae hypotyposes* III, 66, 12-15.)

Texto 4 (Aulo Gélio, *Noctes Atticae* XVIII 13.7-8)

Agrada-nos contar como Diógenes respondeu espirituosamente ao sofisma a que nos estávamos a referir e que lhe apresentava, para dele se rir, um dialecta da escola de Platão. O dialecta perguntou-lhe: “Tu não és o que eu sou, pois não?” Perante a anuência de Diógenes, o outro acrescentou: “Mas eu sou um homem.” Anuindo uma vez mais Diógenes, o dialecta concluiu: “Então, não és um homem.” Replicou-lhe logo Diógenes: “Eis o que é falso. E se queres que seja verdadeiro, começa antes por mim.”

Texto 5 (Diógenes Laércio VI 54, 1-2)

Alguém perguntou [a Platão]: “Que tipo de homem te parece Diógenes?” “Sócrates enlouquecido”, respondeu ele.

Texto 6 (Diógenes Laércio VI 73, 1-3)

[Diógenes] não via nada de impróprio em tirar algo de um templo nem em provar qualquer animal; tampouco via nada de ímpio em tragar carne humana, como o mostram os costumes dos estrangeiros.

Texto 7 (Diógenes Laércio VI 69, 4-9)

[Diógenes] estava acostumado a fazer tudo em público, tanto as obras de Demeter como as de Afrodite. E argumentava assim: “Se almoçar não tem nada de impróprio, tampouco fazê-lo na praça tem algo de impróprio; ora, almoçar não tem nada de impróprio; logo, fazê-lo na praça tampouco tem algo de impróprio.” E masturbando-se em público, dizia: “Quem dera fazer cessar também a fome esfregando assim a barriga!...”

(Para a primeira parte, cf. o texto seguinte e ainda: Diógenes Laércio VI 61, 6-8 = Texto 2 *supra*, e *Gnomologium Vaticanum* 175. Para a segunda parte cf. Diógenes Laércio VI 46, 2-3, e Ateneu, *Deipnosophistae*, IV, 48, 22-24.)

Texto 8 (Diógenes Laércio VI 58, 1-2)

Tendo sido censurado uma vez por estar a comer na praça, respondeu [Diógenes]: “Pois se foi também na praça que tive fome...”

Texto 9 (Diógenes Laércio VI 79, 5-8)

Dizem alguns que, estando [Diógenes] a morrer, ordenou que o lançassem sem sepultura, para que todas as feras o pudessem partilhar, ou então que o atirassem para um buraco, cobrindo-o com um pouco de terra. Segundo outros, no entanto, teria mandado que o atirassem para o Ilisso, de modo a que aí ainda viesse a ser útil aos seus irmãos.

Texto 10 (Diógenes Laércio VI 65, 4-7)

Ao observar um insensato a tocar harpa, disse-lhe [Diógenes]: “Não tens vergonha de afinar sons na madeira, mas não harmonizares a tua alma com a vida?” E àquele que afirmava não ter jeito para a filosofia, replicava: “Para quê então viver se não te preocupas em bem viver?”

(Para o segundo testemunho, cf. Estobeu, *Florilegium* III, 4, 85.)

Texto 11 (Diógenes Laércio VI 42, 10-11)

[Diógenes] censurava os homens pelas suas preces, dizendo que eles pedem as coisas que lhes parecem boas e não aquelas que são verdadeiramente boas.

Texto 12 (Diógenes Laércio VI 49, 2-4)

Outra vez, quando alguém lhe disse que os habitantes de Sínope o tinham condenado ao exílio, replicou: “Pois eu cá condenei-os a residência forçada.”

Texto 13 (*Gnomologium Vaticanum* 180)

Perguntaram [a Diógenes] quem era rico entre os homens. Respondeu: “Aquele que se basta a si mesmo <ὁ αὐτάρκης>.”

Texto 14 (Diógenes Laércio VI 58, 2-6)

Alguns dizem que estas histórias também são dele [Diógenes]. Tendo-o Platão visto a lavar alfaces, aproximou-se dele e disse-lhe com voz suave: “Tivesses tu feito a corte a Dionísio e não estarias a lavar alfaces.” Ao que este lhe teria respondido, com a mesma suavidade: “E tu, se tivesses lavado alfaces, não terias feito a corte a Dionísio.”

Texto 15 (Diógenes Laércio VI 69, 1)

Quando lhe perguntaram qual a coisa mais bela entre os homens, respondeu: “Franqueza <παρρησία>.”

Texto 16 (Cícero, *De officiis* I xxxv 128)

Não devemos dar crédito aos Cínicos (ou àqueles Estóicos que são quase Cínicos) que nos censuram e ridicularizam por considerar que a simples menção de certas acções que não são imorais é vergonhosa, enquanto que chamamos pelos seus nomes outras coisas que são realmente imorais. Por exemplo, o roubo, a fraude e o adultério são coisas imorais, mas não é indecente pronunciá-las. Já procriar é uma coisa moralmente aceitável, mas é indecente falar dela. E atacam o pudor com muitos outros argumentos do mesmo estilo.

Texto 17 (Diógenes Laércio VI 38, 8-11)

Estando [Diógenes] a apanhar sol no Craneum, Alexandre parou à frente dele e disse-lhe: “Pede-me o que queiras.” E ele: “Devolve-me o meu sol.”

Texto 18 (Estobeu, *Florilegium* IV, 32a, 11)

Diógenes dizia que a pobreza era, em relação à filosofia, um auxílio para uma pessoa ensinar-se a si mesma: o que aquela procura persuadir pelos argumentos <τοῖς λόγοις>, a pobreza força a aceitar pelos factos <ἐν ἔργοις>.

Texto 19 (Estobeu, *Florilegium* IV, 32a, 12)

A alguém que o censurava pela pobreza em que se encontrava, respondeu Diógenes: “Até agora, nunca vi ninguém pervertido pela pobreza; mas pela maldade já vi muitos.”

Texto 20 (Diógenes Laércio VI 2, 10-12)

[Antístenes] demonstrava que o sofrimento <ὁ πόνος> é bom, através do exemplo do grande Hércules e de Ciro, inspirando-se assim tanto nos gregos como nos bárbaros.

Texto 21 (*Gnomologium Vaticanum* 1)

Antístenes dizia que, para os cães, os sofrimentos <τοὺς πόνους> são todos parecidos: pois só mordem aqueles que não lhes estão acostumados.

Texto 22 (Diógenes Laércio VI 23, 5-9)

Pedira [Diógenes] a alguém que tentasse encontrar-lhe uma casita para morar. Tendo esse demorado a encontrá-la, estabeleceu a sua habitação num barril <πίθον> no Metroon, como ele próprio descreve nas suas cartas. No Verão, costumava rolar dentro dele sobre areia escaldante, enquanto que, no inverno, se punha a abraçar as estátuas cobertas de neve, disciplinando-se assim de todas as maneiras possíveis.

Texto 23 (Diógenes Laércio VI 63, 3)

Perguntaram-lhe de onde era. “Sou um cidadão do mundo” <κοσμοπολίτης>, respondeu.

Texto 24 (Diógenes Laércio VI 72, 7-9)

[Diógenes] ria-se da nobreza, da reputação e de todas essas coisas, dizendo que eram os ornamentos vistosos do vício. E considerava que a única pátria autêntica <μόνην ὀρθὴν πολιτείαν> é a do mundo.

Texto 25 (Demócrito de Abdera DK B 247)

Para um sábio, toda a terra está aberta; pois a pátria de uma alma boa é o mundo inteiro.

Texto 26 (Zenão de Cítio, *Sobre a Fortuna de Alexandre*, 329a8b5 = SVF I.262)

Nem nas Cidades nem nas comunidades deveríamos viver separados por costumes próprios, mas considerar todos os homens como conterrâneos e concidadãos, com um só modo de vida e uma só organização.

Texto 27 (Aristipo de Cirene *apud Xenofonte, Memorabilia II i 13.7-8*)

Pois eu, para não sofrer estas coisas, não me fecho a mim próprio numa Cidade, mas permaneço um estrangeiro em todo o lado <ἀλλὰ ξένος πανταχοῦ εἰμι>.

Texto 28 (Diógenes Laércio VI 72.9-73.1)

[Diógenes] dizia que as mulheres deviam ser comuns, não chamando casamento senão à associação por mútuo consentimento de um homem e de uma mulher. E, por isso, achava que também os filhos deviam ser comuns. E não via nada de impróprio em tirar algo de um templo... (continua em texto 6, *supra*)

Texto 29 (Simplício, *In Aristotelis categorias commentarium* 208.28-32 Kalbfleisch)

De entre os Antigos, alguns rejeitavam completamente a qualidade <τὰς ποιότητας>, aceitando apenas o qualificado <τὸ ποιόν>. Por exemplo, Antístenes argumentou assim uma vez contra Platão: “Oh Platão, eu vejo o cavalo, mas não a cavalidade...” Ao que este teria respondido: “Isso é porque tens os olhos com que se vê o cavalo, mas nunca procuraste adquirir aqueles com que se contempla a cavalidade.”

(Uma história semelhante é atribuída a Diógenes de Sínope em Diógenes Laércio VI 53, 6-11.)

Texto 30 (Amónio, *In Porphyrii isagogen sive quinque voces* 40.6-8 Busse)

Por isso, Antístenes dizia que os géneros e as espécies eram conceitos vazios <έν ψιλᾷς ἐπινοίαις>, afirmando que “vejo um cavalo, mas não vejo a cavalidade” ou ainda “vejo um homem, mas não vejo a humanidade”.

Texto 31 (Aristóteles, *Metafísica* VIII 3, 1043b25-28)

[Os seguidores de Antístenes diziam] que não se pode definir o que é, pois a definição é um longo enunciado <λόγον μακρόν>, mas que se pode explicar como é; por exemplo, não se pode dizer o que a prata é, mas sim que é como estanho.

Texto 32 (Aristóteles, *Metafísica* V 29, 1024b32-33)

É por isso que Antístenes ingenuamente julgava que nada pode ser correctamente descrito senão pelo seu enunciado próprio <τῷ οἰκείῳ λόγῳ>, um para cada uma <ἐν ἐφ' ἐνός>.

Texto 33 (Platão, *Sofista* 251ac; tradução C. A. Nunes ligeiramente alterada)

Estrangeiro — Agora digamos por que razão empregamos nomes diferentes para designar a mesma coisa.

Teeteto — Em que casos? Cita um exemplo.

Estrangeiro — Aplicamos ao homem as mais variadas denominações, como atribuir-lhe cor, forma, estatura, vícios e virtudes, e com todas essas conotações, e mais dez mil diferentes, não dizemos apenas que se trata de um homem, mas de certo homem bondoso e possuidor de um sem-número de atributos. O mesmo passa com muitas outras coisas, que a princípio imaginamos como unidades, mas depois tratamos como múltiplas e as designamos por uma infinidade de nomes.

Teeteto — O que dizes é a pura verdade.

Estrangeiro — Com isso aprestamos um genuíno banquete para os moços e também, de entre os velhos, os tardios em aprender. Nada mais fácil do que contestar que o uno possa ser múltiplo e o múltiplo uno. Por isso mesmo, exultam com poderem negar que o homem é bom. Não; só permitem dizer-se que o bom é bom e o homem é homem. Atrevo-me a afirmar, Teeteto, que já encontraste muitos tipos que se deliciam com tais disquisições e, por vezes, até mesmo velhos que, por pobreza de espírito, admiram semelhantes futilidades, consideradas por eles como o supra-sumo da sabedoria.

Teeteto — Por certo.

Texto 34 (David Bostock, comentário a Aristóteles, *Metaph.* VIII 3, 1043b23-28)

^b23–8: The only hint we are given as to *why* the Antistheneans supposed that definition was altogether impossible is in the words ‘since a definition is a long formula’. It is possible that even this hint is to be discounted, since the phrase ‘a long formula’ (*makros logos*) can be taken just to mean ‘a long story’ in a pejorative sense, i.e. one that evades the point at issue. (Cf. Ross, ad *N*3, 1091^a7.) But if we take the hint seriously, the source of Antisthenes’ problem must be that a definition is supposed to contain several words. Here it is relevant to recall that in *A*29 Antisthenes is described as holding the view that ‘nothing can be spoken of except by its own formula, one to one’ (1024^b32–3). If we understand this as intended to imply that nothing can be spoken of except by means of its own *name*, then we may perhaps elucidate the thought in this way. The definition of man as a two-footed animal does not actually mention man at all; instead it mentions two different things, animality and two-footedness, neither of which is man. And every definition is bound to do the same, since a definition is required to be a ‘long formula’, i.e. something longer than a single name. So the consequence is that definition is impossible, for a definition is supposed to mention just one thing, and yet we require it to mention more than one. If this is indeed the right account of Antisthenes’ puzzle, then one can see why Aristotle should say that it ‘has some point here’, for Aristotle too has just said that if you construe this specimen definition in a certain way, then it simply fails to mention what it is supposed to be giving an account of, i.e. the substance of man. (For that would have to be the ‘arrangement’ of the two ‘elements’ animality and two-footedness.)

Texto 35 (Diógenes Laércio VI 3, 1-2)

A definição é aquilo que mostra o que [a coisa] era ou é <ὁ τὸ τί ἦν ἢ ἔστι>.

(Cf. Alexandre de Afrodísias, *In Top.* 42.13-22 Wallies.)

Texto 36 (Aristóteles, *Tópicos* I 11, 104b19-23)

A tese é uma suposição paradoxal <ὕποληψις παράδοξος> de alguém reputado em filosofia, como por exemplo que não é possível contradizer, como afirmava Antístenes, ou que tudo se move, como afirmava Heraclito, ou que o ente é um, como dizia Melisso.

Texto 37 (Diógenes Laércio IX 53, 2-4)

Foi também ele [Protágoras] o primeiro a formular o argumento de Antístenes que tenta demonstrar que não é possível contradizer, segundo diz Platão no *Eutidemo* [286c].

(Num outro testemunho de Diógenes Laércio (III 35, 1-6), evoca-se uma situação na qual Antístenes teria lido o referido argumento diante de Platão, para grande escândalo deste. “Como podes tu escrever uma coisa dessas”, teria este replicado...)

Texto 38 (Proclo, *In Platonis Cratylum commentaria* 37)

Antístenes dizia que não se deve contradizer, pois, segundo afirmava, todo o enunciado diz a verdade. Com efeito, quem fala, diz algo; e, se diz algo, diz o que é. Ora, dizer o que é é dizer a verdade. Devemos responder-lhe que o falso também é; portanto, nada impede que, ao falar falso, se esteja dizendo o que é. Para mais, quem fala, fala sobre algo, mas não diz algo.

Texto 39 (Aristóteles, *Metaph.* V 29, 1024b26-1025a1; tradução C. Kirwan)

1024^b26. A false formula is, qua false, of things that are not, and that is why every formula is false of something other than that of which it is true, as for instance that of a circle is false of a triangle. Each thing has, in one way, one formula, 30 that of what it is to be; in another way it has many, since both it and it affected (as for instance Socrates and artistic Socrates) are in a way the same thing. A false formula is, taken baldly, the formula of nothing. That is why Antisthenes naïvely considered that nothing can legitimately be described except by its own proper formula, one to one; an opinion from which it resulted that there is no such thing as contradiction, nor even practically as falsity. But there is such a 35 thing as describing each thing not only by its own formula but also by another's; this may be done altogether falsely, 1025^a but also in a way truly, as eight is double, by the formula of two.

(Cf. Alexandre de Afrodísias, *In Metaph.* 434.25-435.19 Hayduck.)

Texto 40 (Christopher Kirwan, comentário a *Metaph. V 29, 1024b26-1025a1*)

The objection to Antisthenes is a bit muddled. Aristotle attributes to him the restrictive theory that a description of Socrates must describe what it is to be Socrates (cf. *Sophist* 251 ac), and claims that this “results” in denial of the possibility of contradiction. But the result does not follow unless descriptions of what it is to be Socrates have to be *correct*; and if they have to be correct, it follows without the restriction, since even if there were many descriptions of Socrates they would not contradict one another so long as none of them were false. Aristotle sees, of course, that Antisthenes’ mistake had something to do with confusion about falsehood (^{a32} “that is why”). Antisthenes must have denied the possibility of falsehood, and his argument must have been: since false descriptions describe “things that are not”, things that are, like Socrates, cannot be falsely described. The argument’s fallacy depends on the ambiguity of ‘describe things that are not’: ‘Socrates is handsome’ describes a state of affairs that is not, but also describes Socrates, who is. But Aristotle does not comment on this ambiguity. Instead, he merely asserts that a particular thing may be described (*legesthai*) by the *logos* of (what it is to be)

something else. If to be two (e.g. miles) is to be double (one mile), to be eight or nine miles is not to be double one mile; but we may describe eight miles as double (truly, for it is double four miles), and we may describe nine miles as double (falsely, for it is not double any whole number of miles). It is probable that “another’s formula” means ‘the expression that says (truly) what it is to be something else’. If so, Aristotle leaves no room for falsehoods like ‘Socrates speaks’ or ‘Theaetetus flies’, for in his view ‘speaks’ and ‘flies’ do not express what it is to be anything (speech does not speak at all, and speakers are not identified by the activity).